



21 a 24 de setembro de 2016

ISSN: 2358-1786

O PAPEL DA EDUCAÇÃO PARA O CRESCIMENTO PROFISSIONAL

Gustavo Moraes*
Olinda Barcellos**

“O problema que a maioria de nós temos, é que preferimos ser arruinados por elogios, do que salvos por críticas”.
Norman Vincent peale (Pastor e escritor americano de teorias).

Resumo: Este artigo analisa a relação entre a educação com processo evolutivo do trabalho, desde a sua forma mais rudimentar quando a educação e o trabalho eram quase que um único processo, o crescimento do processo educacional tem a sua ascensão quando se separa do trabalho, começa-se a educar para o trabalho, antes se trabalhava para educar. Na evolução da educação para o trabalho as indústrias têm buscado unir a educação voltada para o trabalho com as inovações tecnológicas dentro do processo produtivo, desse processo se criou cursos técnicos voltados para a indústria, tratados como elo para o aumento da qualidade do processo produtivo, o empresariado tem criado parcerias com institutos públicos e privados de educação profissional para uma maior qualificação da mão de obra.

Palavras-chave: Trabalho. Educação. Qualificação.

The Role of Education for Professional Growth

Abstract: This article examines the relationship between education with evolutionary work process, since its most rudimentary form when education and work were almost a single process, the growth of the educational process has its rise when it separates from the work commences to educate for work before you worked to educate. In the evolution of education for work industries have sought to unite education aimed at working with the technological innovations in the production process, this process was created technical courses for industry, treated as a link to the increased quality of the production process, the business has created partnerships with public and private institutes of vocational education for a higher qualification of labor.

Keywords: Work. Education. Qualification.

* Acadêmico do 8º semestre do Curso de Administração da Faculdade Palotina (FAPAS). E-mail: gsmc.cx@hotmail.com

** Professora Doutora da Faculdade Palotina (FAPAS). E-mail: barcellos.olinda@gmail.com

Introdução

Pesquisar sobre trabalho é sempre difícil, ainda mais quando se analisa a educação e trabalho e suas relações, pois quase sempre se associa o trabalho ao sofrimento, devido ao passado de sofrimento que os trabalhadores passaram até a conquista de direitos. O trabalho era forma de educação, e até mesmo de castigo. Pelo questionamento se a educação é fator decisivo para o crescimento profissional, define-se o objetivo do presente trabalho, ou seja, verificar a influência da educação no mercado de trabalho. O papel da educação para o crescimento profissional permite analisar a vida pela ótica do trabalho, desde o nascimento o trabalhador é preparado para o trabalho e somente com uma melhor qualificação o profissional poderá se manter no mercado de trabalho.

Através da realização de pesquisa exploratória com dados bibliográficos constantes em revistas e artigos online, o presente artigo está estruturado na seguinte ordem, a partir desta introdução: a primeira parte apresenta o tema, educação para o trabalho, subdividido em dois subtítulos, primeiro trabalho e educação e o segundo profissionalização e educação.

1 Educação para o trabalho

O ato de trabalhar deixou de ser um fato de satisfação ou ato de subsistência, com a escassez de empregos só se mantem no mercado de trabalho os profissionais que estejam mais qualificados, com uma educação voltada para o trabalho. A tendência mundial de crescimento tem elevado a competição por novas tecnologias, as empresas tendem a se modernizar para se tornarem competitivas, o maquinário tem evoluído a cada dia com novas tecnologias para se produzir mais e com menos tempo. As empresas necessitam de profissionais que dominem estas novas tecnologias (LEITE, 1995).

O Mercado tem criado um novo perfil de profissional um perfil que vai muito além da simples qualificação do saber fazer, é também preciso conhecer, e acima de tudo saber aprender. Para as empresas não é mais suficiente o funcionário padrão pronto para dar a sua vida pela empresa, as empresas necessitam de trabalhadores que pensem com a visão da empresa. Para se alcançar esse perfil de colaborador, as empresas estão investindo na elevação do nível de escolaridade de seus funcionários e na qualificação de requalificação de sua mão de obra (LEITE, 1995). A relação entre trabalho e educação sempre esteve na história humana e será abordado no decorrer do assunto.

1.1 Trabalho e Educação

Trabalho e educação são atividades do ser humano, pois o homem já nasce como um ser possuído de propriedades que lhe permitam trabalhar e educar, essa característica é essencial para que se possa explicar o trabalho e a educação como atributos do ser humano. Desse modo se pode explicar que desde o surgimento do homem que ele vem se destacando na natureza, esta característica de destaque é que diferencia a raça humana dos outros animais, comumente os animais se adaptam ao ambiente em que vivem. Já o homem a adapta o ambiente a ele, este ato de transformar o ambiente para suprir as suas necessidades é o que conhecemos hoje como trabalho (SAVANI, 1994).

A existência da raça humana garantida pela natureza, e nem se dá através da vontade divina, mas ela é garantida através do próprio homem com o seu trabalho, isto significa que “o homem não nasce homem, ele se forma homem”, esta frase de Savani (1994) traz a ideia que a raça humana não nasce sabendo, ela necessita de aprendizado, ela necessita produzir a sua própria existência, esta produção se torna um processo educativo, desse modo pode-se dizer que o processo de educação nasceu junto com a origem do homem.

Os homens aprendiam a produzir a sua existência no simples ato de produzi-la, eles aprendiam uns com os outros, os homens se educavam e educavam outras gerações de um modo empírico¹, ou seja, eles aprendiam trabalhando, aprendiam com as experiências vividas das gerações anteriores, educavam-se e educavam as novas gerações (SAVANI, 1994).

Em um modo primitivo se trabalhava em coletividade, não havia divisão de classes tudo era feito em comum e produziam sua existência em comum e se educavam neste mesmo processo. A partir do momento em que alguns homens se apropriaram de lotes de terra e a tornaram privada, criando os antigos feudos, gerou-se a divisão entre os homens em classes e separaram-se em duas classes fundamentais a classe dos proprietários de terras e a dos não proprietários.

Define-se o trabalho como essência humana, o homem que não trabalhar ou alguém não trabalhar por ele não sobrevivera, pois o trabalho é a essência da sobrevivência humana, o homem sem trabalho não consegue sobreviver. Com a divisão das classes, os não proprietários passaram a ter obrigações de trabalhar nas terras dos proprietários e trabalhar para manter a si mesmos e aos donos das terras (SAVANI, 1994).

¹ Adj. Que se apoia exclusivamente na experiência e na observação, e não em uma teoria (<http://www.dicionarioaurelio.com/Empirico.html>).

A divisão de homens em classes acarretou também em uma divisão na educação, após a fase do escravismo passou a ter duas modalidades, uma classe proprietária que era a classe dos homens livres que era focada nas áreas intelectuais, esta modalidade de ensino é que deu origem a escola, e a classe dos não proprietários que eram escravos libertos, nessa a educação era assimilada com o próprio trabalho, educação que era passada por outros trabalhadores.

A educação formal propriamente dita destinava-se as classes dominantes daquela época, destinando-se há preencher o tempo livre da sociedade dominadora. Com essa separação surgiu à separação entre escola e a produção, que com o processo ao longo da história se dividiu o trabalho em manual e o trabalho intelectual (SAVANI, 1994).

A divisão entre classes de trabalho afastava trabalhadores livres de profissões como carpinteiro, pedreiro, pintor entre outras, todos empenhados em se distanciar do trabalho braçal por considerarem um trabalho de escravos, se dava uma rejeição ao trabalho vil², os homens livres tinham preconceitos com os trabalhos manuais. Os trabalhos manuais só eram ensinados aos que não tivessem escolha como crianças e jovens órfãos (CUNHA, 2000).

Com o surgimento do modo de produção capitalista, o trabalho que era somente para suprir as necessidades de sua família e somente se sobrasse o que foi produzido se comercializava ou trocava-se por outra mercadoria. Com o surgimento do modo capitalista de produção se começou a se produzir com o intuito de comercializar que se produzia.

O eixo produtivo começou a deixar o campo e ir para as cidades, passando-se a transformar o saber intelectual em potência material, este saber intelectual passou a se transformar em máquinas que simplificaram o serviço, estas máquinas substituíram grande parte dos trabalhos manuais, que necessitavam de uma qualificação específica. O trabalho passou a ser abstrato, pois não se necessitava de grandes conhecimentos para se trabalhar nas máquinas (SAVANI, 1994).

A educação é forma dominante na sociedade atual segundo Saviani na citação abaixo, que todas as formas de educação mesmo que em plano secundário devem passar pela escola para poder ter um suporte científico, para que possam ser mais fáceis de serem entendidas.

Compreende-se por que as demais formas de educação, ainda que subsistam na sociedade moderna, passam para um plano secundário, se subordinam à escola e são aferidas a partir da escola. Ocorre aqui com a questão escolar o mesmo fenômeno que Marx descreveu com relação à economia, ou seja trata-se de compreender as formas menos desenvolvidas a partir das mais desenvolvidas e não ao contrário. Neste sentido que é possível compreender a educação a partir da escola e não ao

²Significado de Vil adj. Que tem pouco valor; barato: mercadorias vil; preço vil. / Mesquinho, miserável. / Desprezível, repugnante, abjeto: homem vil. (<http://www.dicionariodoaurelio.com/Vil.html>).

contrário (SAVANI, 1994, p.152).

Todas as formas de educação devem ser compreendidas a partir da escola, devem ser interpretadas e aplicadas para o trabalho. “Tradicionalmente o trabalho foi entendido como princípio educativo dentro da escola unitária e politécnica, principio este que já vem sendo apreciado no âmbito dos projetos políticos ao longo da história das classes trabalhadoras” (TUMOLO, 2011, p 475).

A partir da revolução industrial, com o surgimento de grandes fábricas, a educação para o trabalho passou a ter novas formas. Os trabalhos que eram feitos por uma só pessoa, como nos casos dos artesões, por exemplo, faziam todo o processo produtivo. Com a industrialização, os processos passaram a ser dividida entre várias pessoas, e a partir desse momento com a divisão do trabalho a educação para o trabalho também mudou, a educação passou a ser mais específica ao trabalho passou a ser fragmentado conforme Kuenzer:

Se o fundamento deste novo tipo de trabalho é a fragmentação, posto que, da manufatura á fabrica moderna a divisão capitalista faz com que a atividade intelectual e material, o gozo e o trabalho, a produção e o consumo caibam a indivíduos distintos, tanto as relações sociais e produtivas como a escola, educam o trabalhador para esta divisão (2002, p. 3).

Até mesmo nos dias de hoje percebe-se desigualdade de ensino na maioria dos funcionários das indústrias de transformação, alguns tem uma ótima qualificação profissional, sendo bons pedreiros, pintores, mecânicos, soldadores, entre outras profissões, mas o seu ensino escolar não acompanhou a sua qualificação profissional muitos, principalmente na construção civil, que muitos trabalhadores mal sabem ler e escrever (KUENZER, 2002).

A maior parte dos profissionais que atrelaram a sua escolaridade com o seu ensino profissional ainda têm um grande preconceito com os trabalhos que exijam a força física, mesmo que a remuneração destes profissionais sejam mais elevadas que, por exemplo, de um setor administrativo que na maioria das vezes são os superiores hierárquicos dos de pouco estudo.

Porem esses profissionais de pouco estudo formal tem grande habilidades e grandes conhecimentos técnico profissional, que os torna uma peça chave para o desenvolvimento das atividades da empresa se tornando um cargo crítico, pois não há profissionais com o mesmo nível de conhecimento técnico disponível no mercado (KUENZER, 2002).

Com a chegada de novas tecnologias, surgiu à necessidade de uma nova educação, uma educação técnica voltada para qualificar a mão de obra, para suprir a demanda dessas

novas tecnologias, sendo ofertados os cursos técnicos profissionalizantes a partir de 1942. Começou a se oferecer cursos através do Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial (SENAI) e pelo serviço Nacional de Aprendizagem Comercial (SENAC). Naquele momento, a questão era conhecer o que o trabalhador necessitava saber para poder ter em vista a sua emancipação, sabendo quais os meios e as formas pelas quais ela irá suprir as necessidades do empresariado.

Para poder suprir estas necessidades foram destacadas duas estratégias de abordagem uma era conhecer as necessidades das empresas para assim poder chegar ao trabalhador e assim poder o inserir no processo produtivo (TREIN; CIAVATTA, 2003). A partir desse momento se começa a haver uma inversão de papéis, os empresários começam a criar os seus próprios institutos, para poder criar mão de obra qualificada para atender as suas necessidades, criando políticas educacionais voltadas à formação de profissionais para as novas tecnologias, pois nas últimas décadas os principais objetivos era ter uma nação industrializada, país desenvolvido e economia competitiva (TREIN; CIAVATTA, 2003).

Para atender ao mercado de trabalho se criou a ensino médio profissionalizante, os profissionais de ensino médio, profissionais estes que já não estariam atendendo as necessidades de algumas empresas, que estão à procura de tecnólogos e profissionais de ensino superior. A proposta de educação voltada à inclusão da população no mercado de trabalho é uma questão política que é voltada às classes populares, para atender a demanda de mão de obra que a classe empresarial necessita, essas pessoas necessitam de uma educação para o trabalho para chegar à profissionalização (TREIN; CIAVATTA, 2003).

1.2 Profissionalização e educação

Conforme Oliveira (2003), a fim de reduzir custos, os empresários advogam a reestruturação do sistema educacional brasileiro, para que se possam criar condições para o crescimento industrial, o custo para profissionalizar a força de trabalho é alto, é o único meio de se formar a mão de obra específica à própria empresa tem que investir recursos próprios. Os empresários têm levado à tona um grande problema, quanto à educação e a mão de obra qualificada, devido a este problema os empresários têm criado sistemas próprios com incentivos do governo, para poder qualificar a mão de obra para poder suprir a demanda necessária.

O grande problema que eles enfrentam é quanto à escolaridade da mão de obra, pois os profissionais com um estudo mais elevado não querem se submeter a trabalhos que mesmo que bem remunerados exijam o esforço físico. Nas palavras de Oliveira:

O empresariado tem avançado um conjunto de críticas ao sistema educacional brasileiro, apontando para uma grande fragilidade, pois o sistema educacional não prepara a mão de obra qualificada para atender as novas exigências tecnológicas que o mercado nos apresenta. O empresariado tem se tornado um possível sócio para o financiamento dos programas de educação, eles querem investir, mas querem ter o controle de que direção estes investimentos irão tomar, eles afirmam educação como uma das prioridades para o sistema econômico e político. A educação deveria estar inserida a conjuntos de conceitos, que a educação assim como outras políticas sociais tem que ser pensada na lógica de custo/benefício. Esta nova forma de valorização da educação básica não implicaria em muitos investimentos mas sim na obtenção de melhores resultados, que só será possível com novos investimentos (2003, p. 47 e 48).

Com a introdução de máquinas no processo produtivo se eliminou a exigência de qualificação específica de todo o processo produtivo, mas se teve que impor um patamar mínimo de qualificação que deve acompanhar um nível mínimo de escolaridade, sendo preenchidos esses requisitos o trabalhador já estaria em condições de trabalhar, e operar a qualquer máquina sem muitas dificuldades. A partir da revolução industrial houve uma separação entre instrução e processo produtivo a escola de certa maneira se desvinculou do mundo da produção (SAVIANI, 1994).

Para tratar com efetividade os limites da educação, a questão não se resume somente no aumento do investimento, mas sim em se definir as prioridades e a melhor forma para os recursos sejam investidos, bem como onde realmente existe a necessidade, para que se possam suprir as necessidades naquele momento. A falta de estudo tem refletido no sistema produtivo das empresas os profissionais com pouca escolaridade tem dificuldades para resolver problemas do seu cotidiano produtivo, a falta de estudo reduz a criatividade do trabalhador (OLIVEIRA, 2003).

Os serviços educacionais e profissionalizantes tiveram uma evolução, assim como os conceitos a eles pertencentes, aos poucos está sendo incorporados termos como treinamento profissional, treinamento para o trabalho, treinamento em estágio, habilitação profissional e qualificação para o trabalho. O governo tem atrelado ao ensino médio um sistema profissionalizante para que o jovem que esteja terminando seu ensino médio já saia do mesmo com uma profissão, tentando assim suprir esta falta de mão de obra qualificada que o país necessita. Não basta somente a aquisição do conhecimento e habilidades para que se possa executar aquela função a qual foi preparado, sendo necessária a aquisição de qualidades

peçoais, associadas ao desempenho de qualquer ocupação. Pois a educação profissional é sempre formação e não treinamento (SASSAKI, 1996).

Segundo Savani, as pessoas têm sido treinadas para exercer alguma profissão, mas não recebem a habilidade necessária, que só a experiência adquirida com o tempo irá lhe proporcionar. “A profissionalização pode ser entendida como um adestramento em uma determinada habilidade sem o conhecimento dos fundamentos dessa habilidade e, menos ainda, da articulação dessa habilidade com o conjunto do processo produtivo” (SAVANI, 1994, p. 161).

A partir de 1942 através do Decreto-Lei 4048 de 22/01/1942, foi criando o Serviço Nacional de Aprendizagem Industrial o SENAI, a partir desse momento passou a assumir a responsabilidade sobre a criação e a manutenção dos cursos profissionalizantes voltados para a indústria, pois as próprias indústrias o mantêm, o SENAI se torna um elo, que prepara a mão de obra, que depois será absorvida pelas empresas. O SENAI foi criado porque o sistema educacional oficial não tinha infraestrutura necessária para a implantação em larga escala de um ensino profissionalizante (MÜLLER, 2009).

A falta de mão de obra mais especializada faz que, cada vez mais, as agências formadoras têm mantido vínculos com as empresas, para que se possam ser providas as capacitações necessárias. Os institutos de formação profissional encontram uma grande dificuldade em formar a mão de obra especializada para suprir as necessidades das empresas, devido ao grande problema das empresas em definir com precisão a sua real necessidade de conhecimentos que os profissionais têm que ter em seus currículos (FERRETI, 1997).

O fato é que a formação profissional tem que ir muito além de suprir as demandas das grandes empresas, que são as maiores consumidoras de inovações tecnológicas e as mais envolvidas na competitividade global. Também se deve procurar focar nas micro e pequenas empresas e também nos trabalhadores que trabalham por conta própria para que estes também possam ter o mesmo nível de conhecimento e sejam competitivos no mercado de trabalho, muitos trabalhadores são forçados pelo desemprego a trabalhar no mercado informal para poder sobreviver. Muitas escolas técnicas oferecem um bom ensino profissionalizante, mas sempre atrasado as novas tecnologias, as escolas federais são consideradas centros de excelência, são muito mais atualizadas que as escolas estaduais de ensino profissionalizante (FERRETI, 1997).

Quanto à estrutura do ensino técnico deve se considerar as razões para sua proposição e por outro lado as contribuições que irão deixar para o trabalhador, para possa proporcionar uma ótima formação, mas deverá ser dividida em vários momentos e podendo ser

continuada em diferentes instituições, com o intuito de promover uma sólida formação profissional, flexibilizando o ensino para que o profissional possa de uma forma rápida possa ter uma educação do começo ou básica que irá lhe colocar no mercado de trabalho, uma educação do meio que é a educação de formação, e a educação do fim que é a educação de qualificação ou de especialização, formando assim uma educação profissional permanente (FERRETI, 1997).

Cada vez mais o sistema de formação privado tem sido utilizado na capacitação da força de trabalho das empresas, com a formação privado as empresas podem lapidar a sua mão de obra a seus moldes de trabalho, focando o ensino ao seu ramo de atividade produtiva, e esta flexibilidade de ensino só se consegue com instituições privadas que trabalham em parcerias com as empresas, que muitas vezes utiliza da própria infraestrutura da empresa que os contrata, trabalhando focada no treinamento específico na área que o funcionário irá trabalhar, treinamento esse que não se consegue nas escolas de formação profissionalizante pública, devido ao ensino ser generalizado, para poder atender as várias de áreas de atuação que existe em um determinado segmento (FERRETI, 1997).

O governo tem criado vários programas para poder inserir mão de obra no mercado de trabalho fornecendo vários cursos voltados a iniciação profissional, um desse programa é o PRONATEC que é um programa criado pelo atual governo brasileiro para auxiliar na redução da pobreza. Esse programa foi criado pelo governo federal e instituído através da lei nº 12513, de 26 de outubro de 2011³, esse programa é dividido em duas modalidades, uma destinada a formação de estudantes e outra a formação do trabalhador (VILVERT, 2013).

Os estudantes recebem cursos técnicos com carga horária de 800 horas aula, na modalidade de formação do trabalhador são oferecidos cursos de formação inicial ou continuada com cursos a partir de 160 horas/aula. Esses cursos são gratuitos e custeados pelo governo federal. Esse programa vem com o intuito de oferecer cursos de educação profissional em todo o país, tendo um público alvo de acordo com cada área envolvida. Este programa é desenvolvido pelo MEC em parceria com outros ministérios para poder definir o público alvo que o projeto irá alcançar (VILVERT, 2013).

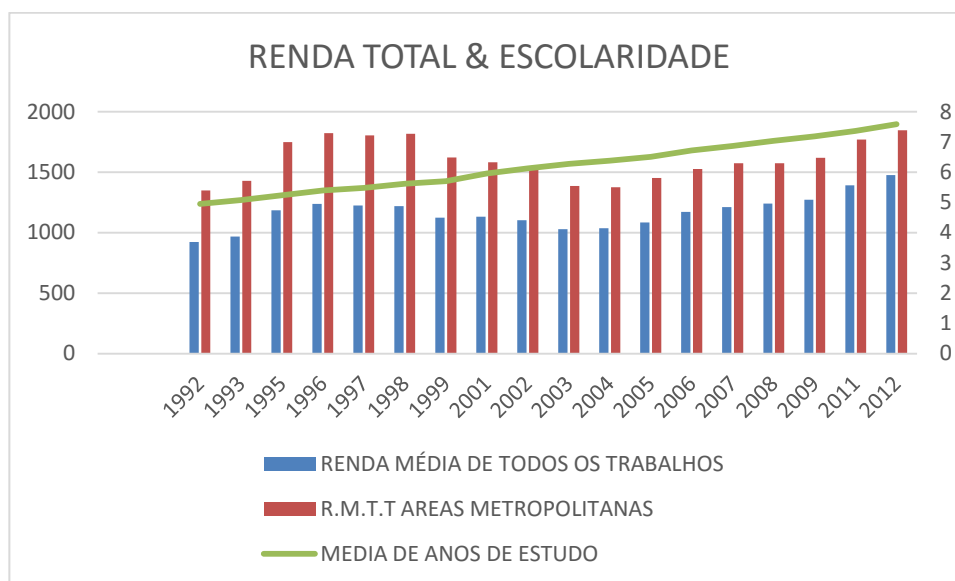
Através desses cursos oferecidos pelo governo, tanto por outros oferecidos pela rede privada de ensino profissionalizante, o trabalhador pode buscar novas oportunidades de

³§ 1º A Bolsa formação do estudante será destinada ao estudante regularmente matriculado no ensino médio público propedêutico, para cursos de formação profissional técnica de nível médio, na modalidade concomitante; § 2º A bolsa formação trabalhador será destinado ao trabalhador e aos beneficiários dos programas federais de transferência de renda, para cursos de formação inicial e continuada ou qualificação profissional. (VILVERT, 2013, p.65).

trabalho e melhores salários. Pois, as empresas têm buscado profissionais que atendam os requisitos de escolaridade mínima e qualificação profissional adequada para o mercado de trabalho, competências estas que sempre devem estar em processo evolutivo para o alcance de novas oportunidades de crescimento profissional, através dos planos de cargos e salários que muitas empresas adotam (VILVERT, 2013).

A figura 01 demonstra que o aumento do nível médio de anos de estudo da população ativa tem aumentado acompanhando o aumento de renda total de todos os serviços da população ativa tanto nas regiões metropolitanas como nas outras. Demonstrando que o aumento do nível de escolaridade tem forçado o mercado de trabalho a aumentar o nível salarial dos seus funcionários para podê-los manter na sua força de trabalho. Cada vez mais o trabalhador tem procurado se qualificar e se manter atualizado as novas tecnologias para manter-se no topo do mercado de trabalho.

Figura 1 - Renda Média do Trabalho Principal



Fonte: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2012).

Considerações finais

O trabalho sempre esteve atrelado à educação, na antiguidade o trabalho ensinava os trabalhadores, se aprendia a trabalhar trabalhando, o conhecimento era passado de geração em geração. Nos dias de hoje com o avanço da tecnologia se educa o trabalhador antes de enfrentar o mercado de trabalho, cada vez mais a educação tem sido de suma importância,

para a permanência do trabalhador no mercado de trabalho, o conhecimento da mão de obra qualificada hoje é um patrimônio que as empresas tentam preservar.

Há funções em que as empresas tem tido dificuldade para conseguir mão de obra qualificada para suprir a sua demanda. Com o aumento da escolaridade da população, a mão de obra com mais escolaridade não quer mais se submeter a serviços que exijam trabalhos manuais, e ou insalubres. Devido a esta falta de mão de obra que se desponha a trabalhar nestes tipos de trabalhos os empresários tem se forçado a aumentar o nível salário base das categorias para poder tornar mais atrativo à para que a comunidade procure se qualificar para exercer estas funções na qual o empresário tem necessidade.

Há casos, principalmente na indústria metal mecânica, que funcionários que com pouco estudo, mas com grande experiência na função tem uma remuneração quase que compatível ou até maiores que profissionais com curso superior. O que leva a estes salários é a dificuldade de mão de obra qualificada, que a empresa tem se obrigado a elevar estes salários para poder manter o colaborador na empresa e não perde-lo para concorrência. As empresas têm procurado elevar a escolaridade desses colaboradores através de programas internos de elevação de educação.

Reconhece-se a importância da educação profissional para que o profissional e a empresa se mantenham no mercado, a elevação da escolaridade muda conceitos e atitudes, que podem ser decisivas nas escolhas e resolução de problemas do dia a dia, somente com educação se elevas as pessoas e consequentemente as empresas.

Referências

CUNHA, Luiz Antônio. O ensino industrial- manufatureiro no brasil. **Revista brasileira de educação**, nº14, p. 89-106, 2000.

DICIONÁRIO, Aurélio. **Dicionário do Aurélio online**, 2004-2008. Disponível em: <<http://www.dicionariodoaurelio.com/Empirico.html>>. Acesso em: 11 jun. 2014

FERRETTI, Celso João. Formação profissional e reforma do ensino técnico no Brasil: anos 90. **Educação & Sociedade**, v. 18, n. 59, p. 225-269, 1997.

IBGE. **Renda média de todos trabalhos**. IPEA. 2012. Disponível em: <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

_____. **Renda média de todos trabalhos-área metropolitana**. IPEA. 2012. <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

_____. **Anos de estudo – média – pessoas 25 anos e mais.** IPEA. 2012. <<http://www.ipeadata.gov.br>>. Acesso em: 10 jun. 2014.

KUENZER, Acácia Zeneida. Exclusão includente e inclusão excludente: a nova forma de dualidade estrutural que objetiva as novas relações entre educação e trabalho. **Capitalismo, trabalho e educação**, v. 3, p. 77, 2002. Disponível em: <http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/sem_pedagogica/fev_2009/exclusao_includente_acacia_kuenzer.pdf>. Acesso em: 12 maio 2014.

LEITE, Elenice M. Educação, trabalho e desenvolvimento: o resgate da qualificação. **Educação, trabalho e desenvolvimento**, Brasília, n. 65, p. 9-20, 1995.

MÜLLER, Meire Terezinha. **A lousa e o torno** – O Senai e a educação profissionalizante do Brasil. 2009.

OLIVEIRA, Ramon de. O empresariado industrial e a educação brasileira. **Revista brasileira de educação**, nº 22 p.47-60, 2003.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Educação para o trabalho e a proposta inclusiva.** Educação Especial: Tendências Atuais, 1996.

SAVIANI, Dermeval. **O trabalho como princípio educativo frente às novas tecnologias.** Novas tecnologias, trabalho e educação: um debate multidisciplinar. Petrópolis: Vozes, p. 147-164, 1994.

TREIN, Eunice; CIAVATTA, Maria. **O percurso teórico e empírico do GT Trabalho e Educação: uma análise para debate.** Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação, 2003.

TUMULO, Paulo Sergio. Trabalho, educação e perspectiva histórica da classe trabalhadora. **Revista brasileira de educação**, nº47 p.475,2011.

VILVERT, Juliane da Costa Melo et al. **Pronatec/BSM: reflexões sobre a relação trabalho e assistência social.** 2013.